



O arco-íris é meu ambiente: as aprendizagens e as narrativas de militantes LGBTQIA+ sobre a crise climática

Regina Aparecida da Silva¹

Universidade Federal de Rondonópolis (UFR)

<https://orcid.org/0000-0002-2207-8437>

Romário Custodio Jales²

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

<https://orcid.org/0000-0001-7519-5488>

Victor Hugo de Oliveira Henrique³

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

<https://orcid.org/0000-0002-7019-4088>

¹ Bióloga, Mestre em Educação pela UFMT (2006). Doutora em Ciências pela UFSCAR (2011). Membro do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental Comunicação e Arte (GPEA). Professora no Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Rondonópolis. E-mail: regina@ufr.edu.br

² Graduado em Administração pela FCARP (2010), Mestre em Educação pela UFMT (2021), membro do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental Comunicação e Arte (GPEA). E-mail: romarioadm@gmail.com

³ Doutorando em Educação pela UFMT, membro do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental Comunicação e Arte (GPEA). Professor na Rede Municipal de Educação de Sinop - MT. E-mail: victorhugo31oh@gmail.com

Resumo: Essa pesquisa objetivou, por meio da educação ambiental, compreender como a comunidade LGBTQIA+ interpreta o fenômeno climático. Nos ancoramos na Fenomenologia e trilhamos os caminhos da Cartografia do Imaginário. Em nossa pesquisa, sete militantes LGBTQIA+ nos contaram sobre suas vivências, suas descobertas e suas lutas, traçando uma cartografia que nos levou a uma viagem epistêmica e fenomenológica do ambiente por eles vivido e compartilhado. O resultado deste trabalho servirá de subsídio para novas pesquisas relacionadas aos temas propostos e poderá estimular, através dos elementos científicos oferecidos, uma união entre o ativismo LGBTQIA+ e o ativismo ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental. LGBTQIA+. Crise climática.

El arco iris es mi entorno: las aprendizajes y narrativas de activistas LGBTQIA+ sobre la crisis climática

Resumen: Esta investigación tuvo como objetivo, a través de la educación ambiental, comprender cómo la comunidad LGBTQIA+ interpreta el fenómeno climático. En nuestra investigación, siete activistas LGBTQIA+ nos contaron sus experiencias, sus descubrimientos y sus luchas, trazando una cartografía que nos llevó a un viaje epistémico y fenomenológico del entorno que vivieron y compartieron. El resultado de este trabajo puede servir como subvención para nuevas investigaciones relacionadas con las temáticas propuestas y promover, a través de los elementos científicos que se ofrecen, una unión entre el activismo LGBTQIA+ y el activismo medioambiental.

Palabras clave: Educación Ambiental. LGBTQIA+. crisis climática.

The rainbow is my environment: the learnings and narratives of LGBTQIA+ activists about the climate crisis

Abstract: This research aimed, through environmental education, to understand how the LGBTQIA+ community interprets the climate phenomenon. In our research, seven LGBTQIA+ activists told us about their experiences, their discoveries and their struggles, tracing a cartography that took us on an epistemic and phenomenological journey of the environment they lived and shared. The result of this work can serve as a subsidy for new research related to the proposed themes and promote, through the scientific elements offered, a union between LGBTQIA+ activism and environmental activism.

Keywords: Environmental Education. LGBTQIA+. climate crisis.

INTRODUÇÃO

A crise climática é um problema ambiental de escala mundial, consiste na alteração do clima do planeta, que atinge e atingirá a humanidade em graus, escalas e modos diferentes, um dos grandes agravos será a escassez de água potável, que já se expressa em diversas regiões do globo, além do derretimento de geleiras e surgimento de pandemias (DALLA-NORA; SATO, 2019).

Ainda no contexto crise climática, temos o *Intergovernmental Panel on Climate Change* (IPCC) ou em português, Painel Intergovenamental de Mudanças Climáticas, é uma entidade vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU), é

um grupo internacional de especialistas que, desde o ano de 1988, debate os conhecimentos técnicos e socioeconômicos das mudanças climáticas, indagando suas causas e consequências. Esse organismo monitora o clima e, conseqüentemente, suas alterações climáticas em escala global. A partir de dados de temperatura e emissão de gás carbônico, seu relatório mostra um aumento na temperatura da superfície terrestre e aponta ainda que essa alteração tem contribuição significativa advinda das ações humanas (IPCC, 2020).

Um outro reflexo da crise do clima e a relação com o impacto causado pela humanidade sobre a natureza são as Pandemias. Recentemente, foram identificadas 28 novas variedades de vírus nas geleiras do Tibete, que derreteram por conta do efeito da alteração da temperatura da Terra. Certos vírus podem ficar “inativos” por até 15 mil anos nestas geleiras. Assim podemos ter futuramente, o surgimento de diversas pandemias (QUAMMEN, 2020), como atualmente temos a Pandemia da Covid-19 (*Coronavirus disease*). Os primeiros casos de Covid-19 tiveram origem no mercado de frutos do mar da cidade de Wuhan localizada na China, as primeiras ocorrências foram relatadas na virada do ano 31/12/2019 e a incidência aumentou de maneira exponencial nas primeiras semanas no ano 2020.

No início da Pandemia da Covid-19, acreditava-se que o coronavírus tinha o animal pangolim como hospedeiro, mas pesquisas recentes avaliam que o pangolim consiste em um intermediário entre uma espécie de morcego ferradura e o humano (GORMAN, 2020). Os vírus são organismos antigos, e ainda é preciso de mais pesquisas para conhecer todas as suas variedades, patologias, ou potencialidades ecológicas. Mas sabemos que os vírus não são apenas organismos que provocam doenças, e alguns contribuem no combate e cura de enfermidades oculares, dentre outros exemplos (SATO; SANTOS; SÁNCHEZ, 2020). É importante salientar que nem os vírus e nem os morcegos são os culpados pelo surto da Covid-19 e sim as relações predatórias entre o ser humano e a natureza.

Lagrou (2020), em um trabalho antropológico realizado com a tribo Huni Kuin no estado do Acre, relata que para esse povo, o ser humano adocece porque ingere outros seres, e a natureza retribui lançando uma espécie de feitiço, que eles

3

chamam de “*nisun*”, que ocasiona doenças. Podemos dizer que as pandemias não são causadas por microrganismos ou animais, e sim pela própria humanidade que promovendo degradação ambiental, forçam para que as espécies “fujam” e possam disseminar doenças.

Vivemos a Era do Antropoceno, caracterizado sobretudo pelo impacto que o ser humano tem causado nos ecossistemas, estamos observando um desenvolvimento econômico que tem modificado de forma alarmante as condições climáticas no planeta, num movimento de globalização e exploração do ambiente que não tem considerado os limites das fronteiras ambientais planetárias. Um desenvolvimento sem limites a partir de uma base de bens finitos leva-nos ao colapso ambiental.

O Antropoceno é uma teoria que incrimina o excesso de consumo energético como fator de grande prejuízo à Terra, ela foi proposta por Paul Crutzen (2006). Consiste em uma denúncia, que nesta era (ceno) da humanidade (antropo), fomos os causadores de prejuízos no âmbito ecológico, submetendo a natureza como nossa escrava e tirando proveito dela e nada devolvendo. Crutzen (2006) nos alerta para os 3 períodos do antropoceno: 1) a aceleração industrial; 2) a pesada maquinaria e estratégias do agronegócio e 3) as mudanças climáticas.

Como fruto da discussão do Antropoceno, surgiu o conceito do Capitaloceno, que neste caso, leva em consideração o poder de destruição que não provém da atividade humana em abstrato, mas de sua organização capitalista (MOORE, 2016). Nessa direção Moore (2016) ainda apresenta que não somos todos iguais, por isso é preciso responsabilizar de maneira diferente os culpados pela destruição ambiental, afinal, um trabalhador da periferia interfere na natureza de forma diferente quando comparado com um empresário do agronegócio.

Nesse sentido, esta pesquisa parte da premissa que as narrativas de militantes do movimento LGBTQIA+ e suas vivências possuem valores pedagógicos essenciais para que o movimento LGBTQIA+ incorpore a dimensão ambiental e climática em suas pautas de lutas e que o movimento ecologista também incorpore a comunidade LGBTQIA+ em suas políticas, em especial, objetiva compreender como a comunidade LGBTQIA+ interpreta o fenômeno

climático. A pesquisa consiste nos dados da dissertação de mestrado de primeiro coautor deste artigo.

CAMINHO PERCORRIDO

Esta pesquisa consistirá em uma investigação se ancora na fenomenologia.

[...] a fenomenologia irá colocar-se em outra perspectiva. Ela terá a preocupação de mostrar, e não de demonstrar, de explicitar as estruturas em que a experiência se verifica de deixar transparecer na descrição da experiência as suas estruturas universais (BELLO, 2006, p. 18).

Dentro da fenomenologia, percorremos nessa pesquisa, os caminhos da Cartografia do Imaginário (SATO, 2011).

Na cartografia do imaginário, o que talvez importe não seja o destino final, mas a rota e a viagem realizada nos percalços de uma longa viagem. Usando a imaginação e permitindo que a intuição também seja parceira na pesquisa, talvez possamos realizar uma viagem que conta com vários meios de transportes (SATO, 2011, p. 04).

A cartografia do imaginário se apoia em Gaston Bachelard e na metáfora dos 4 elementos naquilo que Bachelard (1988) e SATO (2011) considerava sobre o processo de aprendizagem: formação – deformação – transformação – reformação.

Em síntese, buscamos construir as aprendizagens pelas narrativas de um grupo LGBTQ+ na tríade fenomenológica EU-OUTRO-MUNDO em diálogo com a Cartografia do Imaginário (SATO, 2011) que orienta para a gênese pessoal [ÁGUA], o local habitado [TERRA], as transformações ocorridas na sociedade [FOGO] e o sonhos de bem-viver que envolve todos os elementos [AR]:

[EU] As origens e as identidades das pessoas, na permanência ou mutação de corpos que ressignificam o matiz de gênero (ÁGUA);

[OUTRO] As instituições como família, igreja, escola, trabalho ou Estado, entre outras, nos labirintos das transformações que tingem os borrões de preconceitos, rejeições e exclusões (TERRA e FOGO);

[MUNDO] Os sonhos de um futuro e do bem-viver e suas relações com o planeta ameaçado, suas conexões com a percepção do colapso climático e o entretom da invisibilidade política da crise da Terra (AR).

“Cartografar é criar e re-criar; é um eterno re-significar-se em seu nome próprio” (FERREIRA, 2020, p. 140). Por mais que o itinerário seja criado, uma pesquisa cartográfica nos apresenta novidades a cada nova descoberta e nos faz sempre repensar o passo seguinte.

As entrevistas foram todas realizadas por chamada de vídeo, afinal por mais importante que essa pesquisa fosse, ela precisava cumprir as recomendações das autoridades sanitárias e de saúde, e mais do que isso, preservar a saúde e a vida de todos os envolvidos. Esse novo formato de entrevista trouxe o prejuízo de não se ter aquele contato físico próximo dos entrevistados, somado a conexão de internet que algumas vezes oscilou e foi necessário até interromper uma das chamadas, já que na cidade onde a participante estava iniciou um grande temporal e a internet caiu. Mas essa metodologia também trouxe algumas vantagens, como a possibilidade de incluir participantes que estavam em cidades do interior para participar da pesquisa diretamente de suas casas, e da possibilidade da gravação em vídeo e áudio de toda a entrevista, o que possibilitou um total processo de escuta ativa durante a entrevista por nossa parte, sem a necessidade de ficar fazendo anotações, e posteriormente a análise muito mais detalhada das imagens e palavras ditas.

Na fenomenologia, especialmente no universo da educação ambiental, acreditamos nas interligações que nos fazem parte e todo: o humano é feito de natureza e a natureza é feita de humano. Na reflexão:

tríade húmus-humano-humanidade é, assim, consonante com outras tríades do EU-OUTRO-MUNDO merleau-pontyano, e possivelmente nunca conseguiremos enxergar, face a face, nossas ideias e nossa liberdade, e talvez por isso, nunca paramos de trabalhar (SATO, 2011, p. 04)


Ver o EU no OUTRO e para o OUTRO, e juntos enxergarmos o MUNDO no OUTRO e no EU: a tríade EU-OUTRO-MUNDO é complexa e bela, demonstra conexão e organicidade. Como explica Ferreira (2020, p. 123), “o hífen nos informa que essas áreas não se separam, são correlatas em nosso mundo orgânico, social e político. Mas não são palavras apenas de corpo físico; elas têm tom, cheiro, cor, ritmo e respiração próprios.”

Selecionar os participantes dessa pesquisa foi um passo muito importante em sua construção. Em razão de empregarmos a fenomenologia como método de pesquisa, não necessariamente precisávamos de uma amostra que fosse um retrato do universo de pesquisa. Ou seja, ao invés de um compromisso estatístico, nos impunha ali um compromisso qualitativo. Porém, pelo apego com a diversidade

e como ela poderia ser importante, convidamos pessoas que representassem as diversas identidades inclusas na comunidade LGBTQIA+, bem como com diversidade de gênero, sexualidade, idade e etnia. As sete pessoas parceiras dessa pesquisa tiveram seus nomes preservados e aqui são nomeadas com as cores do arco-íris, uma analogia clara a esse fenômeno tão belo da natureza e que se tornou símbolo da luta do movimento LGBTQIA+.

Quadro 1 – Participantes da pesquisa

	<p>Vermelha é pedagoga, militante do Movimento Sem Terra há bastante tempo. Com 29 anos de idade, não mora mais no assentamento, mas participou do MST desde o acampamento, com sua família, e continua na militância do movimento. Hoje faz mestrado na UFMT em Rondonópolis e, como ela própria afirma orgulhosamente, “sigo a luta por aqui”. Vermelha se identifica como mulher trans, ou seja, ao nascer lhe foi atribuído o gênero masculino e ela se identifica com o gênero feminino. Sua orientação sexual é heterossexual, o que significa que se relaciona com pessoas do gênero oposto ao dela, no caso, homens.</p>
	<p>Laranja tem 31 anos, é assistente social formada pela Universidade Federal de Mato Grosso, advogada, e afirma que apesar de atualmente estar focada na área jurídica nunca se distanciou do serviço social. Sua militância começou quando ela entrou na UFMT em 2007 e se aproximou de coletivos feministas e LGBT+, pois fazia parte de um grupo de pesquisa próximo a essas temáticas. Tem uma filha de 12 anos de idade, demonstra muito orgulho em ser mãe, é mulher cisgênera e se apresenta como bissexual.</p>
	<p>Amarelo é um homem gay paranaense que chega a Mato Grosso, para trabalhar com garimpeiros e prostitutas, em razão da militância da igreja que exercia a época. Possui graduação em pedagogia e em educação física, fez mestrado na UnB de Políticas Públicas em Educação, iniciou o doutorado em educação na UFSCar, onde concluiu os créditos e precisa voltar para finalizar. É professor da rede municipal e estadual e atua há vinte anos no movimento LGBTQIA+.</p>
	<p>Verde é biólogo, gay e professor universitário, afirma que participa de movimentos sociais desde a graduação, no movimento estudantil, e ajudou na fundação do coletivo de diversidade da UFMT. É pesquisador e está cursando doutorado em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. É bastante envolvido com a militância ambiental.</p>
	<p>Azul e Anil correspondem a um casal e foram entrevistados juntos e compartilharam suas histórias e vivências, que em boa parte do tempo também foi conjunta. Azul é homem trans e define sua orientação sexual como heterossexual, afinal ele se relaciona com uma mulher. Anil é uma mulher cisgênera e define sua orientação sexual como heterossexual.</p>

	<p>Violeta é uma mulher sensível, poetisa safista e escritora de contos. Tem 23 anos e se define como mulher cisgênera lésbica. É psicóloga e sexóloga, afirma que sua militância sempre foi muito independente, e só recentemente que se envolveu em movimentos organizados LGBTQIA+.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: elaborado pelos autores

UM POUCO DA HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBTQIA+

Temos assistido no Brasil um levante contra as discussões sobre linguagem inclusiva de gênero para pessoas Não-Binárias, projetos de Lei LGBTfóbicos e um discurso que incluiu o ódio religioso contra direitos LGBTQIA+ tem ganhado mais espaço, trazendo impactos significativos no dia a dia, também fora das redes sociais, colocando os corpos de pessoas trans em risco, aumentando as possibilidades de serem violadas e violentadas fisicamente.

No Brasil, o então denominado movimento homossexual⁴ organiza suas primeiras ações no final da década de 1970, embora desde os anos de 1950 já existissem atos individuais de politização das identidades gay e lésbica em locais de lazer (GREEN, 2007).

Os primeiros grupos de militância LGBTQIA+ organizados no Brasil foram o grupo SOMOS (em São Paulo) e Triângulo Rosa (no Rio de Janeiro). Fundados entre 1977-1978 eles atuaram durante o período da Ditadura Militar, como descreveu James Green (2014) e Marco José Duarte (2015). O contexto do surgimento foi marcado por transformações culturais visíveis na música popular brasileira, como o sucesso de cantoras como Gal Costa e Maria Betânia, cujos rumores sobre suas sexualidades “criaram modelos alternativos para jovens lésbicas que estavam descobrindo o mundo da sociabilidade entre mulheres” (DARTE, 2015, p.185). Foi também quando ocorreu o aparecimento do grupo de

⁴A categoria homossexual, utilizada para identificar todas as pessoas que tinham relações sexuais com outras do mesmo sexo, foi tida como universal. Na perspectiva do movimento social, a utilização do termo “movimento gay”, herdeira dos EUA, também foi utilizado na década de 1980. Contudo, os termos “homossexual” e “gay” estavam carregados da hegemonia masculina. O aumento da participação de mulheres no movimento e a emergência de uma identidade trans, ou seja, a percepção de uma identidade de gênero não relacionada com a orientação sexual, trouxe novas configurações identitárias a este movimento (MELLO, 2005).

performances Dzi Croquettes e de Ney Matogrosso, que, com sua postura “efeminada”, tornou-se um cantor muito popular. Estas transformações internas estavam em consonância com a tendência de organização e mobilização dos primeiros grupos de gays e lésbicas nos Estados Unidos da América (EUA), Europa e na Argentina, enquanto em 1968 o Ato Institucional 5 (AI-5) reprimia qualquer possibilidade de reunião para discussões políticas. Alguns anos depois, em 1978, com a efervescência do “Gay Power” estadunidense, divulgado nos jornais brasileiros despercebidamente pela censura, tornou-se possível reunir pessoas para debater as discriminações sofridas por homossexuais (GREEN, 2014). O *Jornal Lampião de Esquina*⁵, uma das primeiras publicações homossexuais do país, bem como as ações do Somos, compuseram uma importante resistência no período ditatorial.

A reabertura política e o processo de redemocratização do Brasil foram fundamentais no processo de expansão da produção de conhecimento sobre gênero e sexualidade em uma perspectiva distinta as das ciências ‘ps’. Inicia-se, assim, um processo de articulação entre os diversos sujeitos vinculados às lutas por direitos sexuais, que culminará em estratégias para interferir no processo de formulação das demandas por políticas públicas. As áreas da saúde e da educação tornaram-se o foco do movimento LGBTQIA+, o que parecia ser justificável, no caso da primeira, pela referência na epidemia do vírus da imunodeficiência humana/Síndrome da Imunodeficiência Humana (*HIV/Aids*) e, no caso da segunda, na possibilidade de atingir as relações de preconceito e discriminação desde o primeiro momento de socialização (FACCHINI *et. al.*, 2013).

Com o advento da epidemia de *Aids* houve um crescimento significativo dos estudos sobre homossexualidade, motivados especialmente pelas experiências dos movimentos sociais. Contudo, estes estudos mantinham-se presos às

⁵O *Jornal Lampião de Esquina* circulou entre os anos de 1978 e 1981, e teve o Conselho Editorial constituído pelo pintor Darcy Penteado, o escritor e jornalista (e hoje dramaturgo) Aguinaldo Silva, o cineasta e escritor Jean-Claude Bernardet, o advogado e ativista João Mascarenhas (no próximo capítulo retomamos sua importância na história do movimento homossexual) e o antropólogo inglês Peter Fry.

significações dos processos saúde-doença, reduzindo os contextos socioculturais e políticos da homossexualidade⁶ à patologia.

Facchini (2005) argumenta que este impasse se desfez na década de 1990, com a diversificação de pesquisas, que passaram a ter objetivos voltados para a compreensão dos processos de sociabilidades concernentes às vivências e experiências políticas destes sujeitos. Este “outro olhar” gerou discussões sobre os significados do termo “homossexualidade”, o que propiciou o surgimento de outros termos, como: homoerotismo, HSH⁷, homoafetividade⁸, homocultura, GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes)⁹, entre outras siglas. E influenciou também nas categorias originárias do movimento de homossexuais, denominada por Facchini (2005) como “sopa de letrinhas”: GLBT, GLBTT, GLBTTT, LGBT, LGBTT, LGBTQI (a letra G significa gay; L significa lésbica; B significa bissexual; os “T” remeteriam a travestis, transexuais e transgêneros; Q representaria *queer*; e I as pessoas intersexuais). Outra cisão que necessita ser levantada relaciona-se ao segmento de travestis e transexuais. As travestis passam a participar dos espaços de organização do movimento homossexual a partir de 1995, e a inclusão do “T” na “sopa de letrinhas” só se deu por forte pressão da militância travesti (FACCHINI e SIMÕES, 2009; CARVALHO, 2015).

Sabemos que a violência sofrida pela comunidade LGBTQIA+ decorre de uma sociedade desigual, heteronormativa, machista, misógina, intolerante e preconceituosa. segundo relatório do Grupo Gay da Bahia (OLIVEIRA & MOTT, 2020) o Brasil registrou em 2019, 141 mortes de pessoas LGBTQIA+, foram 126

⁶Reforçamos o uso da palavra homossexualidade. A palavra ‘homossexualismo’ era utilizada quando a homossexualidade era considerada um transtorno mental. Estava, inclusive, listada no Código Internacional de Doenças (CID) a pedido da Organização Mundial da Saúde (OMS).

⁷Esta sigla, que significa “homens que fazem sexo com homens”, tem sido amplamente utilizada por veículos e ONG/Aids governamentais envolvidos com as políticas de saúde e da prevenção ao HIV/Aids.

⁸Este termo tem se evidenciado principalmente no campo jurídico brasileiro, principalmente pelos esforços da Desembargadora Maria Berenice Dias. Recuso seu uso em decorrência de sua proximidade com o direito da família, área jurídica na qual tem preponderado decisões ancoradas em concepções heterocentradas de arranjos familiares em detrimento das parentalidades e conjugalidades LGBT.

⁹Sigla utilizada para definir espaços de sociabilidade de frequência de gays, lésbicas e “simpatizantes”, recorrente no mercado do consumo.

homicídios e 15 suicídios, o que representa a média de uma morte a cada 23 horas por homotransfobia. No contexto de Mato Grosso, até setembro de 2020, foram registrados 160 crimes¹⁰ contra pessoas LGBTQIA+, o dobro quando comparado com o ano anterior (MATO GROSSO, 2020) e em 2021, o estado alcançou a 9ª posição no ranking de mortes violentas de vítimas LGBTQIA+ (GGB, ALIANÇA NACIONAL LGBTI+, 2022).

O MOVIMENTO LGBTQIA+, O AMBIENTE E A CRISE CLIMÁTICA

A pauta do movimento LGBTQIA+ é plural em sua essência, já que as vivências e necessidades de gays, lésbicas, bissexuais, transgêneras e outras identidades que estão na comunidade possuem diferenças. Além disso, há intersecções importantes de serem levadas em conta, como os efeitos que outras opressões exercem sobre as pessoas, com o machismo, o racismo, o capacitismo, entre outros. Todas essas pautas foram trazidas como importantes de serem inseridas nas lutas do movimento pelas pessoas que foram entrevistadas nessa pesquisa. Nenhuma menção foi feita sobre inserção de luta pelas questões ambientais, então apresentei o questionamento direto: como o movimento LGBTQIA+ pode se aproximar do ativismo ambiental?

Verde disse que pessoalmente é bastante envolvido no ativismo ambiental, pelo fato de ser biólogo de formação, atuar como professor em escolas e ter suas pesquisas próximas a temática. Reconhece a proximidade da educação e da política, compreendendo como funciona o sistema:

Quando você começa a entender o sistema que a gente vive, o sistema capitalista, você vê que ele está diretamente oprimindo, sejam as questões LGBT, sejam as questões ambientais. É o lucro pelo lucro, independente da vida, seja uma vida humana ou não humana. (VERDE).

O biólogo reconhece que para se envolver na militância ambiental é necessário ter conhecimento no assunto, e por mais que essa não seja uma pauta

¹⁰ Dados apresentados pela Secretária Estadual de Segurança Pública em 04 de setembro de 2020 às 08h03min. Disponível em: <<http://www.sesp.mt.gov.br/-/15317415-mato-grosso-registra-160-crimes-contralgbts-em-oito-meses>> acessado em 09 de maio de 2022.

de estudo no movimento LGBTQIA+ ele cria uma plataforma muito propícia para tal:

Eu acho que o movimento LGBT te proporciona uma questão de criticidade. Eu acho que a questão crítica, questão de compreender o mundo, compreender o lugar que nós vivemos, compreender a questão de direitos ou além, todos temos direitos. Então quando eu coloco todos é até as criaturas não humanas. Elas têm tanto direito de estar aqui na Terra como nós. Então a gente briga por igualdade nos sistemas sociais, também temos que brigar por igualdade dentro dos sistemas não sociais, que seriam animais, plantas, enfim, a questão ambiental. (VERDE)

Verde demonstrou muita clareza de que cuidar do ambiente não é uma questão apenas de preservar a espécie humana, mas todos os seres vivos:

O movimento LGBT ajuda a entender essa totalidade de que o mundo não é só nosso, né? Eu vou discutir mudanças climáticas, crise climática, mas não só por conta dos efeitos que vai ter na humanidade, mas também para os efeitos que vão ter nos seres não humanos também. Eu nunca esqueço disso que eu já estudei no Mestrado que é a questão da educação ambiental e a educação valorativa e ética. Qual que é o valor que nós damos para as questões ambientais? É só um valor para o capital ou é só um valor no sentido humano? Eu preciso do meio ambiente para vida humana? Não. O meio ambiente é essencial para vida humana e para vida não humana. (VERDE).

Ao encontro dos pensamentos de Verde, Amarelo afirmou a importância da pauta ambiental para a população LGBTQIA+: “é fundamental que a gente possa estar nesse debate, por que quando você discute a cidade, qual é a cidade que a comunidade LGBTQIA+ tem? Em quais espaços da cidade a comunidade LGBTQIA+ está?”.

Amarelo que já está no ativismo há décadas, conhece muito bem as dificuldades de inserção de debates profundos e políticos no movimento, especialmente na atualidade. Ele traz uma crítica importante sobre a razão dessa dificuldade de discussão das questões ambientais no movimento, incluindo a universidade como alvo de sua crítica:

Nós estamos ainda muito tímidos nesse espaço de discussão das questões ambientais. Eu acho que a academia ainda não conseguiu nesse aspecto sair do muro e chegar à sociedade. O movimento também não consegue chegar porque outras questões parecem que ficam sendo colocadas como prioridades. (AMARELO).

Consciente, Amarelo também fez uma autocrítica, assumindo ele próprio não se aprofundar mais no estudo e debate ambiental, apesar de ter acesso a tal:

Eu acompanho o grupo da professora Michele e acompanho alguns outros grupos também que fazem essa discussão e fico muito triste que eu poderia procurar mais tempo para fazer esse debate, mas eu acabo me sobrecarregando com algumas outras questões e deixando essa questão ambiental um pouco de lado. (AMARELO).

Os problemas ambientais para Laranja estão diretamente relacionados com as ações humanas.

Quem são os responsáveis? Nós. Ontem eu estava falando com uma amiga que eu acho que estamos no fim do mundo. É realmente o fim do mundo. É incêndio perto de Chernobyl, o Krakatoa que entrou em atividade, uma pandemia que ninguém consegue controlar... Mas eu não vejo uma ação desvinculada do ser humano. Nós somos os responsáveis, seja por eleger pessoas que não são aptas ou que não tem conhecimento, ou que não querem ter conhecimento sobre políticas ambientais, ou seja por ações isoladas, individuais. (LARANJA).

Apesar de também trazer a responsabilização individual, Laranja demonstrou grande descontentamento com o caos atual na política brasileira: “no Brasil, em especial, políticos atuais, eles não estão nem aí, querem mais é desmatar e matar”, disse ela, contundente. Claramente percebendo que eu não era apoiador do atual governo, Laranja se empolgou e trouxe uma conexão importante das consequências da política com o ambiente e os grupos em situação de opressão:

Então eu acho que os responsáveis somos nós, mas é muito difícil de uma pessoa, por exemplo, que votou no Bolsonaro, eu acho que você não votou, uma pessoa que votou no Bolsonaro reconhecer que, apesar de estarmos vivendo uma pandemia. “Ah, você tá dizendo que a pandemia é culpa do Bolsonaro”. Não! Mas sim, que ele é responsável por todas as mortes que estão por vir. “Ah, ele é responsável pelo clima”. Não! Ele não é responsável pelo clima. Ele é responsável por uma política de afrouxamento nas questões ambientais que nos trazem consequências sim, que vão trazer consequências piores ainda. Por que uma coisa é você estar vivendo tudo isso com político que pensa na sociedade, com um político que tá ali tentando de alguma forma achar meios de proteção da população e outra coisa é um político genocida desses, né? Pelo amor de Deus. Eu imagino que até o final do mandato dele, não tenham mais, no mínimo, 60% da população indígena em reservas, isso que eu tô jogando uma sobra de 40%, porque eu acho que vai existir muita resistência. Esses números da pandemia vão ser ao final, pelo menos daqui um ano, 30 vezes mais e é tudo responsabilidade de um político que não exerce uma política de vida. Uma política que tente pelo menos favorecer a vida das pessoas. (LARANJA).

Ao passo que compreende a responsabilidade maior das políticas públicas para com o ambiente, Laranja também defende que seja gerada uma sensibilização em cada pessoa sobre suas ações cotidianas, e como elas podem contribuir para evitar ou reduzir a devastação ambiental. Ela sugeriu inclusive ações simples para

se fazer com pessoas da própria comunidade LGBTQIA+, e como essas ações poderiam se tornar um projeto de mudança:

Vamos lá ao Zero, vamos explicar para uma pessoa que trabalha lá no Zero que a camisinha tem que ser descartada no lixo reciclável ou não, ou que o cigarro que ela fuma ela tem que fazer isso, sabe? Antes de tudo é uma conscientização, antes até da conscientização é o compartilhamento de informações. A partir do momento que nós somos munidos de informações e temos consciência que as nossas ações geram um dano, contribuem para essa crise climática, acho que a gente consegue ações interventivas, a gente consegue pregar por políticas ambientais que atendam a demanda. (LARANJA).

Voltando ao debate na esfera política, temos Vermelha, que acredita que todas as tentativas de preservação e conservação ambiental são importantes, mas pondera que “se elas não vierem atreladas a um projeto e um projeto de vida e que seja contra todas as tentativas de destruição, e que denuncie, não serão tentativas tão eficazes”. Vermelha denuncia a existência de um modelo a ser combatido:

Eu acho que as lutas efetivas são mais eficazes quando a gente determina em qual lado nós vamos estar e quando a gente denuncia. Utiliza todas as ferramentas que nós temos para denunciar o modelo. Não é que acontece a destruição involuntariamente. Existe um modelo que destrói. Existe um pensamento que destrói. Existe uma política de destruição. E se a gente constrói outras políticas, mas que não denunciam todo esse modelo desenfreado e não denunciam essas políticas desenfreadas, que não denuncia a falta de políticas públicas para o meio ambiente, essas tentativas não são tão eficazes em todo esse contexto que nós estamos vivenciando hoje. (VERMELHA).

Uma reflexão importante trazida por Vermelha foi sobre o embate interno que o MST possui para que os produtores assentados não tentem copiar o modelo hegemônico do agronegócio. Ela afirma que é difícil essa sensibilização, já que os incentivos, inclusive governamentais, são para a prática de uma agricultura e pecuária nos moldes do agronegócio. “Os nossos avós, os nossos pais produziam comida que dava pra abastecer e que não era nesse modelo hegemônico do capital”, relembra Vermelha, numa demonstração de respeito as práticas tradicionais. E traz uma crítica bastante severa e forte:

Uma das mentiras que nós temos o compromisso social de ajudar a desmentir é que a agricultura de extensão, o agronegócio, é que alimenta a nação ou que traz algum benefício. Pelo contrário: o agronegócio escraviza, o agronegócio expropria, o agronegócio envenena, o agronegócio gera fome, o agronegócio gera guerra. (VERMELHA).

Essas palavras foram ditas por Vermelha como quem dá um grito de socorro, mas com melodia poética. Vermelha vive sua missão de defesa da agricultura

familiar, que como ela mesma lembra: “quem sempre produziu comida, quem sempre produziu trabalho, quem sempre produziu renda no campo foi a agricultura familiar”.

Algumas de nossas cores participantes da pesquisa reconheceram não ter muito conhecimento sobre a temática ambiental, como Violeta, Azul e Anil. Para contribuir com a conversa, expliquei que um dos objetivos dessa pesquisa era exatamente trazer a preocupação ambiental para o movimento LGBTQIA+. “O movimento às vezes se coloca de uma forma isolada, descontextualizada”, admitiu Violeta. Quando inicialmente questionei sobre a importância das pautas ambientais para o movimento LGBTQIA+ ela fez uma expressão confusa, demonstrando que eu havia tocado num assunto na qual ela não saberia contribuir. Mas à medida que ela própria foi falando, ela mesma se encontrou em seus pensamentos e percebeu que tinha sim entendimentos sobre a importância da intersecção desses ativismos:

Talvez eu nunca tenha me debruçado um pouco mais sobre essas questões ambientais, climáticas, mas entendo a necessidade de entender os outros atravessamentos sociais, porque os nossos também podem estar nesses lugares. E cara, se a gente pensa aí talvez nessa estrutura neoliberal, na grande maioria das vezes quem vai ser afetado é quem está na base da pirâmide, entendeu? E se você realmente quer ter uma abrangência maior dessas existências, em termos de cuidado, de justiça social, de emancipação, tu tens que olhar para esses atravessamentos, não tenho dúvida. (VIOLETA).

Anil, esposa de Azul, comentou que apesar de não compreenderem a fundo sobre esse assunto, entendem a importância deles. “Nós somos super contra a questão de queimadas, a gente entende que se o ser humano fizesse tudo, de maneira consciente, nós não estaríamos passando pelo que estamos passando hoje”, argumentou Anil, fazendo referência a um grave problema ambiental que assola o Mato Grosso em seus três biomas, que são as queimadas. Em seguida, Anil confessou que apesar de admirar o posicionamento de “naturalistas, vegetarianos e veganos”, em suas palavras, “a gente já tentou, dizem que tem que tentar várias vezes, mas a gente gosta muito de carne”.

Azul se lembrou de matérias veiculadas na ocasião sobre o impacto que a pandemia da COVID-19 trouxe para o ambiente, no sentido de reduzir as emissões de poluentes no ambiente em razão do fechamento de indústrias e do *lockdown*:

Essa pandemia mostrou que a natureza olha o quanto que melhorou né? A questão da poluição né? Estão conseguindo até ver o Monte Everest já, para ter ideia, 200 km de distância. Então o benefício para a natureza agora com o coronavírus foi isso, porque as pessoas, querendo ou não, ficaram em casa, então diminuiu muito a questão da poluição. (AZUL).

De fato, a pandemia deixou em evidência como a forma que vivemos afeta o planeta e como as condições ambientais são diretamente afetadas pelas atividades antrópicas. A diminuição ou interrupção de diversas atividades econômicas e da circulação de pessoas, aparentemente melhoraram a qualidade do ar e da água em diversas cidades como registrado não apenas pelos jornais, meios de comunicação e redes sociais, mas também por imagens de satélite e agências ambientais de diversos países e publicado em dezenas de artigos científicos com dados de diversas regiões do mundo (SILVA et al., 2020, p. 6).

Todavia a ligação da pandemia com o ambiente não se resume ao efeito, mas também a causa. As ações humanas para com os ecossistemas naturais são as responsáveis por despertar vírus e bactérias causadoras de doenças em humanos. “As pandemias não são causadas por vírus ou morcegos, senão pela própria humanidade que maltrata a floresta, desmata, queima e causa fissuras que possibilitam que as espécies fujam e disseminem doenças ao mundo inteiro”, é o que afirmam brilhantemente Sato, Santos e Sánchez (2020, p. 7). As autoras e o autor trazem ainda a alcunha do termo antropoceno, feita por Paul Crutzen, Nobel de Química de 1995, que nomeia a nossa atual era como a “era dos humanos”. Apesar de não ter entre os especialistas uma data certa para o seu início, ele é demarcado por volta do final do século XVIII, quando as atividades humanas começaram a criar um impacto global significativo no clima da Terra e no funcionamento dos seus ecossistemas. Como afirmaram Sato, Santos e Sánchez (2020, p. 8) “não é uma homenagem, mas uma denúncia que nesta era (ceno) da humanidade (antropo), fomos os causadores de prejuízos ecológicos, escravizando a natureza, tirando proveito de seus ‘baixos custos’ e nada devolvendo”.

Trouxemos essa reflexão sobre a relação da pandemia com as ações humanas para com os ecossistemas às nossas cores participantes da pesquisa. Verde, que já possui estudos na área fez muitas contribuições à discussão, ao exemplo de quando disse: “já estão começando a ser descobertos vírus, bactérias

e patógenos que sempre existiram, na verdade, mas que estavam congelados, literalmente e que por conta das mudanças climáticas e aumento da temperatura vão nos atacar”. Verde também refletiu que essas pandemias não atingem a todos de forma igualitária, ficando alguns grupos sociais ainda em maior situação de opressão:

Aí você vai falar: “ah, mas o que isso tem a ver com a questão LGBT?” Pega a quantidade de jovens que são expulsos de casa, que perdem toda essa assistência e que tem que se virar, do nada, sozinho, diferente de um homem hétero, que tem ajuda dos pais, que é branco, classe média, que só dá orgulho, orgulho entre aspas, né? Então eu acho que tem uma diferença sim da questão LGBT. Quantos são expulsos de casa e tem que construir suas vidas sozinhos, sem ajuda, sem políticas públicas, sem assistência social, sem nada disso e que são suscetíveis a essas doenças, né? Você pensa em tempos de coronavírus, quem está mais suscetível: uma prostituta, trans, travesti, que tem que se prostituir e que está lá exposta ao vírus do que alguém que não precisa, uma classe média, alta, que não tem essa, que não precisaria disso. (VERDE).

Amarelo falou sobre a relação da pandemia com a comunidade LGBTQIA+ com a autoridade de quem está estudando o assunto e lutando para combater essas mazelas. Suas palavras eram uma verdadeira aula, e cabe aqui registrar na íntegra o que disse como primeiro ponto importante:

Na realidade nós já estamos sendo atingidos, porque a população LGBT como ela vive muito só, apesar de em momentos estar sempre em grandes grupos, mas existe uma solidão muito grande. Então já tá acontecendo. Nós temos atendido no grupo agora nesse período, muitas pessoas com questões de saúde mesmo mental, por conta de não estarem aguentando esse momento e que vivia muito no controle remoto, sabe, muito no remoto e acabava não parando para pensar nessas questões. Então a pandemia faz com que as pessoas comecem a pensar: “puxa, esse aqui é meu espaço. Como é que eu estou lidando com esse espaço para além das minhas questões de sexualidade e de orientação sexual?” Nós vamos ter que repensar, reconstruir e principalmente ressignificar as nossas relações dentro do movimento LGBT. Entre nós. (AMARELO).

As relações da comunidade LGBTQIA+ a qual Amarelo propõe mudanças são efêmeras, e por isso foram muito afetadas com a pandemia. A vida agitada dessa população está fora de suas, quando se encontram com os amigos que muitas vezes os acolhem melhor que seus próprios familiares. Com o distanciamento social e a obrigatoriedade de permanecerem em suas casas, tudo ficou mais difícil.

Violeta, que é psicóloga, também tocou no ponto do convívio nas famílias de LGBTQIA+: “se é numa família opressora, se você está vivendo num lugar hostil,

cara, está ferrado nesse momento, entendeu? Se você não tem uma referência de cuidado, alguém que você pode fugir, está ferrado.”

Outro ponto trazido tanto por Violeta quanto por Amarelo envolve a questão profissional das pessoas da comunidade, que como Amarelo lembrou, muitas vezes são profissionais sem vínculos ou estabilidade, como cabelereiros, maquiadores, artistas, profissionais de eventos ou prostitutas, em muitos casos. Como esses setores demandam contatos pessoais, o distanciamento social provocado pela pandemia os afetou em cheio. Violeta também ponderou sobre os postos de trabalho especialmente das mulheres trans, e o quão elas foram afetadas. “Isso te impossibilita às vezes de estar se sustentando, de manter mesmo sua sobrevivência”, completa triste Violeta.

Laranja lembrou que se um grupo está à margem da sociedade, cultural ou economicamente, toda situação de crise apenas maximizará essa marginalização:

Diante de um caos, como a gente tem vivido, as questões ambientais, agora com a pandemia, os primeiros direitos questionados são da população LGBT, porque eles sempre vão viver à margem do atual momento político. (LARANJA).

Ela acrescentou reconhecendo que pessoas como ela e eu temos acesso à informação e maneira de nos cuidar, o que não acontece com outras companheiras nossas da comunidade LGBTQIA+, como é o caso das travestis: “Se você for ao Zero, que são onde as LGBT marginalizadas estão, eles já sentem muito mais do que eu ou você, que nós temos acesso a um conforto, a gente tem acesso à informação, o que eles não têm”. Zero é o nome como é conhecida uma região na cidade de Várzea Grande, vizinha a Cuiabá, famosa por servir como ponto de prostituição, especialmente de mulheres trans e travestis.

Questionada de como um momento de crise como o atual afeta a população LGBT+, Anil, incluindo no depoimento a experiência dela e de seu esposo Azul afirmou.

Nós nunca sofremos isso, mas eu sei que existem pessoas que são demitidas pela orientação sexual. Existem pessoas que se tiver que demitir duas pessoas, dez pessoas, ela vai estar inclusa pela sua orientação sexual, pela forma de se vestir, pela sua cor. Então as minorias sofrem mesmo por conta disso e eu percebo que por conta exatamente do preconceito que existe nessa “seleção”. (AZUL).

Anil utilizou as mãos para demonstrar as aspas em torno do termo “seleção”, por ela citado. Esse é um pensamento que já fora aqui citado por Vermelha, de que o estigma da homossexualidade ou da transexualidade sempre vai acompanhar a pessoa, mesmo que essa ocupe espaços ou tenha ascensão social.

Vermelha fez uma análise envolvendo os efeitos da pandemia nos companheiros sem-terra, antes de analisar especificamente a comunidade LGBTQIA+. Segundo ela, o MST tem construído diversas iniciativas de conscientização nos acampamentos e assentamentos e de ajuda humanitária que são oferecidas para a sociedade:

O setor de saúde tem trabalhado muito nesse período de pandemia, produzindo material, produzindo vídeo explicativo, tentando trabalhar nessa formação política, inclusive nesse período da pandemia. Nós temos construído várias campanhas a nível nacional de produção e doação de alimentos. Uma das campanhas coletivas que é junto com a Frente Brasil Popular, a Frente Povo Sem Medo, um momento que vamos precisar de todos, no distanciamento social, no isolamento, na produção de comida, na distribuição, nas campanhas de solidariedade, nas capitais, nos municípios. (VERMELHA).

De fato, conforme noticiou Alcântara (2020), o MST já havia doado mais de 3 mil toneladas de alimentos em cem dias de uma campanha de doação promovida durante a pandemia, além de diversos outros produtos doados, como botijões de gás, máscaras e álcool em gel. O projeto também distribuiu em vários pontos do Brasil mais de duzentas e trinta mil marmitas para pessoas em situação de rua. Vermelha explica que as doações realizadas “são de alimentos que vem dos assentamentos e acampamentos que é fruto de uma campanha nacional que o movimento tem feito que é o ‘fica em casa que nós produzimos alimentos pra vocês’”.

Vermelha considera a situação das pessoas LGBTQIA+ mais complicada do que os camponeses nesse período de pandemia:

Eu acho que o movimento LGBT não consegue dar essas respostas imediatas, não está tão organizado, como hoje os movimentos ligados à via campesina ou o próprio MST em todo esse contexto político. Relatos próximos a mim de muitas mulheres trans ou travestis que são profissionais do sexo, porque, infelizmente, é a única forma de trabalho que elas encontraram e que estão impossibilitadas de trabalhar devido a esse isolamento, devido a esse distanciamento social. A gente tem feito vaquinha, doações para manter casa, para manter formas de alimentação. Isso é demonstrar solidariedade, mas é também falta da gente se preocupar em fazer um debate político com relação a essas populações e

que muitos e muitas não tiveram acesso ao auxílio emergencial por conta de documentação e “n” outras coisas e que isso afeta drasticamente a vida, né? Porque se você tinha uma renda advinda das ruas e hoje você não pode sair às ruas entra num colapso econômico. (VERMELHA).

O posicionamento político de Vermelha é muito contundente, e ela fala com muita propriedade sobre a ausência de um debate político na classe. “Se a gente não se enxerga enquanto classe, qual é a classe que nós vamos defender? A classe patronal”, afirma ela, numa crítica direta a ausência vista por ela de um debate mais profundo de ordem política vindo da comunidade LGBTQIA+. Apesar de reconhecer a importância histórica das paradas do orgulho, Vermelha se mostrou muito crítica a forma como elas têm sido realizadas nos últimos anos:

Quando a gente vai sair para rua, não é para mostrar as plumas e purpurinas, mas nós temos que mostrar que nós também temos fome, que nós também precisamos de casa, que nós também precisamos de políticas públicas, que nós estamos sendo assassinadas coletivamente, que nós estamos sendo assassinadas diuturnamente e isso não se mostra nas paradas da diversidade e não mostra por que não está em poder das organizações de LGBT a parada. A parada hoje está nas mãos dos grandes conglomerados empresariais. É a Uber que controla o trio elétrico, é Dove e outras tantas empresas, é Natura e aí quem é que dialoga com esses 3 milhões de sujeitos LGBT? (VERMELHA).

Entre críticas e autocríticas, Vermelha conectou as temáticas que envolveram essa pesquisa de forma muito clara: as pessoas LGBTQIA+ pertencem a um grupo social em situação de opressão e todas as situações de crise, como a pandemia ou o colapso climático, maximizam a urgência de que é necessário que esses grupos se unam, se fortaleçam e lutem para mudar o sistema.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

“Uma pesquisa em educação ambiental deve ter ecos, além mares, ares, terras e fogos. Tem que ser intensa em seus contrastes de formas, representações, volumes e composições.” (SATO, 2001, p. 34). Essa é a ousadia que motivou a realização dessa pesquisa, num mergulho a um desconhecido que se tornou tão familiar que agora é morada. O sentimento de pertencimento a uma causa tão nobre que é o ativismo ambiental, o ativismo pelos direitos humanos e de todos os seres do planeta, ameaçado por uma catástrofe anunciada que é a crise climática.

Essa pesquisa trazia consigo a missão de relacionar o movimento LGBTQIA+ e o ativismo ambiental e a percepção é que todos possuem a mesma

luta empunhando bandeiras de cores diferentes e que precisam aprender uma com a outra. A bandeira do arco-íris precisa do ativismo ambiental para manter suas cores mais vívidas e com perspectivas de sobreviver e viver. A bandeira dos ambientalistas também precisa se permitir pintar com as cores do arco-íris, para se tornar de corpo e alma mais inclusiva a todas as pessoas.

Por mais que não percebam, o colapso do clima possui ligação direta com as pautas cujo movimento LGBTQIA+ tem em sua luta. O comércio, a indústria, o turismo, os serviços, a agricultura e todos os outros segmentos de trabalho dependem diretamente dos elementos da natureza. O agravamento da crise do clima irá desmontar muitos setores, o que afetará ainda mais a oferta de emprego, cuja disponibilidade atual para pessoas LGBTQIA+ já é comprometida.

Vale lembrar como a população LGBTQIA+ sofreu com a epidemia de Aids, não só como vítima, mas também apontada por muitos como a causa. A pandemia de COVID-19 trouxe novamente à tona essa questão: diversas autoridades, especialmente religiosas, apontaram os LGBTQIA+ como causa da pandemia. Pandemias e epidemias estão sempre relacionadas ao desequilíbrio entre as relações de humanos e outros elementos da natureza, e com o avanço da devastação ambiental e da crise climática elas serão cada vez mais frequentes.

Trabalho e saúde são apenas dois exemplos de como LGBTQIA+ e crise climática possuem ligação. Outrossim, todas as pessoas deveriam se preocupar com o ambiente que partilhamos e por isso é tão importante a educação ambiental, essencial para afastarmos o negacionismo e a necropolítica que tem provocado dramáticas situações que ameaçam a sustentabilidade planetária.

Cada pessoa participante dessa pesquisa trouxe uma contribuição muito importante, suas vivências foram potencializadas por serem e viverem a comunidade LGBTQIA+, o que nos faz perceber a importância que esse movimento historicamente tem ao possibilitar chegarmos a todas as conquistas feitas até aqui. Fica claro que ainda há muito a se conquistar, seja na luta pelos direitos, seja na emancipação dessas identidades como dignas de respeito por toda a sociedade. Com certeza, essas lideranças aqui pesquisadas não irão descansar na busca por continuar essa luta.

Conhecer cada pessoa que contribuiu com essa pesquisa foi um sopro de esperança. A jornada acadêmica, assim como a jornada da vida é sinuosa, muitas vezes solitária mesmo envolto de tanta gente.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover (KRENAK, 2019, p. 26)

Desenvolver essa pesquisa em plena pandemia, com o distanciamento social, reduziu a solidão e trouxe uma sensação maior de pertencimento a algo maior. Permitiu-nos olhar pelas janelas e ver no horizonte algo mais do que a fumaça vinda das queimadas criminosas dos biomas Pantanal, Cerrado e Amazônia. Fez-nos sentir agindo para ajudar a apagar o fogo, a conter o desmatamento, a poupar os rios e mares da poluição, a não permitir que nosso planeta entre em colapso, mais do que já está. Se envolver com a educação ambiental tem dessas coisas de nos tornar pessoas que sonham e lutam para realizar esses sonhos. Como nos encoraja Sato (2001, p.34), “a educação ambiental deve ter o compromisso de permitir sermos protagonistas para alcançar a utopia – apaixonadamente e sempre!”.

Essa pesquisa não se encerra aqui. Ela segue agora dando espaço para novas pesquisas e novos enfrentamentos para aproximar o movimento LGBTQIA+ e o ativismo ambiental, na luta para garantir que tenhamos um ambiente em que todas as pessoas possam apreciar a beleza do arco-íris ao fim da tempestade.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Fernanda. **Campanha comemora mais de 3 mil toneladas de alimentos doados durante a pandemia**. MST. 31 jul 2020. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/07/31/campanha-comemora-mais-de-3-mil-toneladas-de-alimentos-doados-durante-a-pandemia/>. Acesso em 03 ago 2020.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BELLO, Angela Ales. **Introdução a Fenomenologia**. Bauru: 2006.

CARVALHO, Mário Felipe. **Muito prazer, eu existo!** – Visibilidade e reconhecimento no ativismo de pessoas trans no Brasil. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: UERJ, 2015.

CRUTZEN, Paul Jozef. The "Anthropocene". In: EHLERS E.; KRAFFT, T. (Orgs). **Earth System Science in the Anthropocene**. Springer, Berlin, Heidelberg, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/3-540-26590-2_3> acessado em 30 de maio de 2020.

DALLA-NORA, Giseli.; SATO, Michèle. Pontes nas securas das águas: reflexões sobre as mudanças climáticas e justiça climática em comunidades quilombolas. *Ciência Geográfica*. Ano XXIII - Vol. XXIII - (1): Janeiro/Dezembro – 2019. Disponível em: <https://www.agbbauru.org.br/revista_xxiii_1.html> acessado em 11 de janeiro de 2020.

DUARTE, Marco José. Cuidados de si e diversidade sexual: capturas, rupturas e resistências na produção de políticas e direitos LGBT no campo da saúde. In: RODRIGUES, Alexsandro; DALLAPICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva. **Transposições**: Lugares e fronteiras em sexualidade e educação. Vitória: EDUFES, 2015.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCHINI, Regina.; DANILIAUSKAS, Marcel; PILON, Ana Cláudia. Políticas sexuais e produção de conhecimento no Brasil: situando estudos sobre sexualidade e suas conexões. In: *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. 44, nº 1, jan./jun., 2013. Disponível em <<http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/833>> Acesso em: 10.set.2022.

FACCHINI, Regina.; SIMÕES, Júlio Assis. **Na trilha do arco-íris** – do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.

FERREIRA, Carlos Roberto. **Oikos Quilombola**: arte-educação-ambiental e a poética do pau a pique. Cuiabá: Instituto de Educação, 2020.

GGB; ALIANÇA NACIONAL LGBTI+. **Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil**: relatório 2021. Grupo Gay da Bahia, 2021. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>> Acesso em: 09.mai.2022.

GORMAN, James. How do bats live with so many viruses? **New York Times**, 31/01/2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/01/28/science/bats-coronavirus-Wuhan.html>> Acesso em: 16.set.2022.

GREEN, James Naylor. “O grupo Somos, a esquerda e a resistência à ditadura”. In: GREEN, James Naylor.; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidade: repressão, resistência e a busca da verdade**. EDUFSCar: São Carlos, 2014.

GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2007.

IPCC. **The Intergovernmental Panel on Climate Change**. 2020. Disponível em: <<https://www.ipcc.ch/>> Acesso em: 15.set.2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAGROU, Els. Nisun: A vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus. **Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social**. 2020. Disponível em: <<https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/handle/bvs/1963>> Acesso em: 04.abr.2022.

MATO GROSSO. **Mato Grosso registra 160 crimes contra LGBTs em oito meses**. Secretaria de Estado de Segurança Pública - SESP/MT. 2020. Disponível em < <http://www.mt.gov.br/web/sesp/-/15317415-mato-grosso-registra-160-crimes-contralgbts-em-oito-meses>> Acesso em: 09.mai.2022.

MOORE, Jason. **Anthropocene or Capitalocene?** Nature, History, and the Crisis of Capitalism. Oakland, PM Press, 2016.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil** – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia. 1ª. ed. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

QUAMMEN, David. Shaking the viral tree. Interview with David Quammen. **Emergence Magazine**, 2020. Disponível em: <<https://emergencemagazine.org/story/shaking-the-viral-tree/>> Acesso em: 16.set.2022.

SATO, Michèle. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. In: ABÍLIO, F. J.P. (Org.). **Educação Ambiental para o semiárido**. João Pessoa: EdUFPB, 539-569 p., 2011.

SATO, Michèle.; SANTOS, Deborah Moreira dos.; SÁNCHEZ, Celso. **Vírus: simulacro da vida?** Rio de Janeiro: GEA-SUR, UNIRIO, 2020 Cuiabá: GPEA, UFMT, 2020.

SATO, Michèle. Apaixonadamente pesquisadora em educação ambiental. *Educação Teoria e Prática*, Rio Claro, v. 9, n. 16/17, p. 24-35, 2001. Disponível em:

<<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/1600>> Acesso em: 16.set.2022.

SILVA, Cleyton Martins; SOARES, Ricardo; MACHADO, Wilson; ARBILLA, Graciela. A pandemia de COVID-19: vivendo no Antropoceno. *Revista Virtual de Química*, v. 12, p. 1000, 2020. Disponível em:

<<http://static.sites.sbg.org.br/rvq.sbg.org.br/pdf/v12n4a09.pdf>> Acesso em: 16.set.2022.